



A MEDICALIZAÇÃO DA MAGIA: CONCEPÇÕES SOBRE PLANTAS MEDICINAIS EM REVISTAS IMPRESSAS

Jaqueline Luvisotto Marinho

jackluvismar@gmail.com

Ministério Público do Estado de Goiás (MP-GO)

Reginaldo Teixeira Mendonça

reginaldotx@gmail.com

Universidade Federal de Goiás (UFG)

RESUMO

O consumo de produtos medicinais que possuem origem na flora foi modificado através de uma perspectiva voltada para o consumismo, empenhados em um processo de industrialização de plantas medicinais. Pode-se verificar ascensão de uma nova vertente do consumo desses produtos, não mais pautada em saberes populares, através da urbanização da vida voltada para o consumo de produtos industrializados e o uso da propaganda para criação de um mercado de consumo. As transformações ocorridas no meio rural e o crescimento das cidades possibilitaram reordenar o consumo de produtos baseados em plantas medicinais, produzindo uma medicalização da vida ordenada pelo consumo destes produtos. Procurando compreender como tem ocorrido a difusão de informações sobre plantas medicinais, realizou-se um estudo crítico das concepções sobre plantas medicinais em revistas dirigidas para o público em geral. Realizou-se análise de diversas revistas sobre plantas medicinais disponíveis em bancas de revistas e sites das editoras, utilizando a abordagem qualitativa de pesquisa, empregando a técnica de análise de conteúdo. Nas revistas analisadas, foi observado que a utilização das plantas medicinais é mostrada como uma forma “natural” de tratamento de doenças, considerando-as praticamente sem efeitos adversos, em contraposição aos medicamentos alopáticos industrializados. E as plantas medicinais também são apresentadas como “armas poderosas” contra doenças ou sintomas ou como uma forma de “milagre” em relação à capacidade de curar doenças, relacionado-as a sentidos místico-religiosos. As possíveis indicações e benefícios das plantas medicinais são muito mais enfatizados do que suas contra-indicações e seus efeitos colaterais e as possibilidades de usos das plantas medicinais são focalizadas em doenças e sintomas, contribuindo para um processo de medicalização. Os aspectos observados nessas revistas em relação às informações sobre plantas medicinais mostram a necessidade da promoção de informações apropriadas voltadas para questões relacionadas ao meio ambiente e a saúde.

Palavras-chave: medicalização, plantas medicinais, revistas

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

O consumo de plantas medicinais é frequentemente visto como crítica ao paradigma baseado no modelo biomédico, que fixou olhar fragmentado sobre o corpo doente, sobrepondo a parte doença em relação ao todo. Assim, quando se trata de comercialização destes produtos, como veremos, as estratégias publicitárias ordenam suas mensagens para construir percepções das pessoas a aderirem ao consumo de produtos baseados em plantas medicinais fundamentadas nessas críticas. Entretanto, as

propagandas e mensagens transmitidas em material impresso também estão sustentadas, apoiadas pela ciência, em pesquisas científicas e na capacidade de discernir os produtos baseados em plantas medicinais como produtos “racionais” e científicos.

O confronto do consumo de produtos contendo plantas medicinais com o modelo biomédico não se revela somente como duas partes antagônicas. Nota-se também uma divisão no mercado de plantas medicinais, com conflitos entre os produtos considerados científicos e os populares. Estas divisões podem ser notadas nos locais de suas vendas e nas pessoas envolvidas nesse comércio. Desse modo, muitos produtos são vendidos sem um controle da Vigilância Sanitária, controle de qualidade, servindo para questionar seus vendedores. Porém, quando são vendidos baseando-se em preceitos científicos dizem que só produzem saúde. É bom acrescentar que o consumo de plantas medicinais faz parte de um processo envolvendo o meio ambiente e a memória daqueles que possuem este conhecimento, servindo como crítica ao processo de industrialização. No entanto, o aumento do consumo de produtos contendo plantas medicinais segue através da industrialização parâmetros semelhantes aos do modelo biomédico, ocorrendo uma medicalização da vida via plantas medicinais.

Portanto, esta pesquisa surgiu da observação da ocorrência de comercialização de diversas revistas sobre plantas medicinais em bancas de jornais. Estas revistas variavam de valor e estilo de impressão, colocando-se de modo a estarem ao alcance de pessoas de diversas condições econômicas e de fácil acesso. As capas das revistas chamavam a atenção, pelas imagens e pelas palavras utilizadas, propiciando uma busca de informações por meio dessas revistas acerca das possibilidades de uso das plantas medicinais para o tratamento e a prevenção de doenças. Várias das revistas sobre plantas medicinais eram disponíveis para aquisição também por meio da internet, nos sites das editoras.

A importância de se analisar um conjunto de revistas, unindo imagens e palavras, se fundamenta por possibilitar uma abordagem crítica sobre a “propaganda” de produtos baseados em plantas medicinais e sobre a formação de concepções sobre as plantas medicinais, que contribuem para que leitores dessas revistas sejam também consumidores de plantas medicinais.

Assim, busca-se aqui desenvolver uma análise crítica sobre a formação de concepções sobre as plantas medicinais no uso de revistas. Este trabalho se justifica pelo constante aumento de consumo, contribuído por diversos aspectos, como apoio em programas de governo, industrialização de produtos fitoterápicos e a presença constante de propagandas de produtos baseados em plantas medicinais, que vão desde a internet, a televisão até as bancas de revista.

MATERIAL E MÉTODOS

Foram obtidas diversas revistas sobre plantas medicinais dirigidas para o público em geral em bancas de revistas e pelos sites das editoras das revistas. As revistas foram selecionadas através da constância de sua presença em bancas de revista durante os anos de 2007 e 2008 em uma cidade do interior do Estado de São Paulo.

Para a análise dessas revistas, buscando compreender qual o sentido sobre as plantas medicinais expressado nessas revistas, foi utilizada a abordagem qualitativa de pesquisa, empregando-se a técnica de análise de conteúdo em sua modalidade temática (MINAYO, 2007; BARDIN, 2008; FRANCO, 2008). Este emprego se justifica ao compreender as revistas como uma forma de mensagem entre os responsáveis pela elaboração das revistas e seus leitores e que a análise de conteúdo tem como ponto de partida a

mensagem, incluindo a verbal escrita, para a compreensão do conteúdo e seus sentidos (FRANCO, 2008).

Foram analisadas as seguintes revistas, cuja numeração corresponde à utilizada nas citações de trechos constantes da apresentação da análise: “Saúde e Cura pelas Plantas Fitoterapia”, “Guia de Plantas Medicinais”, “Geração Saúde Ervas & Plantas”, “O Poder de Cura do Alho e Limão”, “Sua Saúde Edição Especial”, “O Poder dos Chás”, “Farmácia em Casa Mini”: Plantas Medicinais”, “S.O.S Você Mini”: Remédios da Natureza”, “Saúde Todo Dia Especial: Xaropes Caseiros”, “Coleção Energia”: Remédios Caseiros”, “Saúde em Casa Extra: Remédios Caseiros”, “Coleção Curas pela Natureza: O Poder Curativo do Limão”, “Curas Caseiras Guia de A a Z”, “Guia Prático de Curas”, “O Poder Medicinal das Ervas que Curam: Ervas Medicinais & Terapias Alternativas Collection”, “Ervas Medicinais & Terapias Alternativas Collection”, “Coleção O Poder Curativo das Plantas”, “Vida Natural e Equilíbrio”.

RESULTADOS

Nas revistas analisadas, observa-se que a utilização de plantas medicinais é mostrada como uma forma “natural” de tratamento de doenças, colocando-as em contraposição aos medicamentos alopáticos industrializados, como se as plantas medicinais praticamente não tivessem efeitos colaterais e os medicamentos industrializados alopáticos apresentassem geralmente muitos efeitos adversos. Assim, as plantas medicinais são inseridas em um contexto dualista favorecedor de seu consumo. O termo “natural” é aproximado do de plantas medicinais, apoiando somente uma face dos efeitos, considerando-os sempre como “remédios” e não como “venenos”. Nesse contexto, as plantas frutíferas são colocadas em associação com possíveis potenciais terapêuticos e estimulado o consumo de seu fruto em abundância, restringindo por vezes as informações sobre a planta a seu fruto. Veja alguns exemplos encontrados:

*“Plantas medicinais
Viva muito mais de forma natural”¹*

*“Farmácias naturais
Frutas, legumes e verduras são cada vez mais utilizados para o tratamento de diversos tipos de doenças. Assim, as feiras e os supermercados têm se transformado em verdadeiras farmácias naturais”²*

*“SUPER-NATURAL
DICAS DE RECEITAS PARA:
Reumatismo Obesidade Cansaço Fraqueza Hemorróidas Artrite
Vertigens Mau hálito Prisão de ventre Contusões Incontinência
urinária e muito mais..”³*

“O uso das plantas e ervas, exceto, claro as venenosas, não prejudicam o organismo mas, o beneficia, purificando-o e curando-o. As plantas têm uma vantagem muito grande sobre os produtos químicos pois estes que ainda usados em doses pequenas e durante certo período, acabam prejudicando o organismo, podendo causar envenenamentos e alterações metabólicas.”⁴

1 “Saúde e Cura pelas Plantas Fitoterapia”, Ano 1 – n. 1, Editora On Line.
2 “Saúde e Cura pelas Plantas Fitoterapia”, Ano 1 – n. 2, Editora On Line.
3 “Geração Saúde Ervas & Plantas”, Ano IV – n. 21, Editora Minuano.
4 “Geração Saúde Ervas & Plantas”, Ano IV – n. 24, Editora Minuano.

*“Chicória Amarga (Chicorium intybus)
A planta “amiga do fígado”⁴*

As plantas medicinais também são mostradas nas revistas analisadas como uma “arma poderosa” no combate de doenças ou sintomas. As plantas são utilizadas para reforçar comportamentos e corpos considerados ideais, como o corpo jovem e pronto para o trabalho. Assim, o envelhecimento, as dores, o sentido de “limpeza do corpo” são alvos de propagandas que se associam ao consumo de plantas medicinais. Do mesmo modo, as doenças consideradas mais popularizadas, como diabetes mellitus, câncer, hipertensão arterial, depressão, entre outras, são utilizadas para divulgar o consumo de plantas medicinais.

*“Ginko biloba:
Esta espécie combate inflamações e o envelhecimento”¹*

*“Tire proveito dos poderes antiinflamatório, cicatrizante e digestivo
da BABOSA”⁵*

*“E mais os poderes da Samambaia contra cálculo renal, raquitismo
e infecções respiratórias”⁴*

*“Ervas poderosas
São inúmeras as variedades de plantas utilizadas no tratamento de
doenças. Além de fáceis de preparar em casa, os chás, banhos e
compressas medicinais são baratos e eficazes.”⁶*

“Guaco: o poder curativo da erva do pulmão”⁷

*“O Alecrim é uma poderosa erva que mantém em sua constituição
o poder de um chá fortíssimo hipertensor, anti-reumático, diurético
etc.”⁸*

*“Super alho
Viroses, hiperglicemia e câncer de estômago. Combata esses e
outros males com a ajuda desse vegetal (...)
Se na superstição ele espanta mau-olhado e na mitologia é arma
contra vampiros, à saúde do corpo o alho é um forte aliado no
combate aos inimigos do bem-estar.”⁹*

Por vezes, as plantas medicinais são salientadas nas revistas analisadas como uma forma de “milagre” em relação à capacidade de curar doenças, relacionada a sentidos místicos e religiosos.

*“Plantas milagrosas
A maneira correta de usar 138 plantas poderosas”¹⁰*

“Quebra-pedra é um santo remédio”⁷

*“Dicas para usar melhor as plantas medicinais
Quais são as plantas realmente milagrosas e aquelas
comprovadamente inofensivas ao organismo? Responder essa
pergunta é fundamental para se obter cura”⁸*

5 “Guia de Plantas Medicinais”, Ano 4 – n. 3, Editora On Line.

6 “Farmácia em Casa Mini”: Plantas Medicinais, Ano 1, n. 1, 2008, Editora Alto Astral.

7 “Ervas Medicinais & Terapias Alternativas Collection”, n. 03, Editora Escala.

8 “Coleção O Poder Curativo das Plantas” por André Resende – Volume 1, n. 1, Editora Escala.

9 “Vida Natural e Equilíbrio”, n. 03, Editora Escala.

10 “Coleção Energia”: Remédios Caseiros, Ano 2, n. 2, 2008, Editora Alto Astral.

Nas revistas analisadas, a maioria utiliza apenas o nome popular para se referir às plantas medicinais, sendo que algumas citam o nome científico da planta comentada. Algumas revistas citam determinadas contra-indicações e efeitos colaterais, no entanto, as possíveis indicações são muito mais enfatizadas. Mesmo as indicações colocadas são descritas por vezes de maneira vaga, sem características claras sobre seus efeitos.

Por vezes, nas informações sobre plantas medicinais são consultados profissionais da área para legitimar as informações, mas raramente são citadas referências bibliográficas de cunho científico acerca dos efeitos das plantas medicinais. Apesar disso, a possibilidade de uma comprovação científica de determinados efeitos de certas plantas medicinais é também utilizada para legitimar as indicações pela revista, enfatizando o sentido de “ciência” em contraposição ao conhecimento popular, como nos seguintes trechos:

“34 Plantas Aprovadas Pela Anvisa

O registro de medicamentos fitoterápicos por parte da ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária, seguidos, desde a obtenção de uma planta no campo de cultivo até a venda do produto acabado, liberou 34 plantas. Saiba nesta matéria, quais são estas plantas, sua indicação e uso.”¹¹

“Plantas de Alta Tecnologia

São plantas que possuem nível de evidência alto, com o seu conhecimento de uso medicinal partindo do antigo uso tradicional, passando pelo registro na Farmacopéia Brasileira e outras internacionais. Elas têm suas propriedades e aplicações confirmadas pelos olhos da ciência, através do registro bibliográfico de artigos científicos publicados em revistas especializadas de renome internacional e da mais alta reputação.”¹¹

“Preparo e Aplicação de Plantas na Ciência Fitoterápica”¹⁴

“Especialistas dão dicas de como usar a camomila”¹²

As possibilidades de interações medicamentosas entre as plantas medicinais e entre estas e os medicamentos alopáticos são raramente comentadas. Percebe-se que há um predomínio nas revistas de exaltação de possíveis efeitos benéficos das plantas, subtraindo informações acerca da caracterização das espécies indicadas e de seu cultivo apropriado e acerca de efeitos adversos, contra-indicações e interações farmacológicas. São focalizadas por vezes apenas partes das plantas como se fossem sinônimos da planta toda e esquecendo de efeitos que outras partes das plantas possam apresentar.

Observa-se também que há uma tendência nas revistas a focalizar na doença e não em aspectos preventivos e de promoção da saúde, incluindo assim as plantas num processo de medicalização. Inclusive, nas revistas analisadas percebe-se uma confusão nas indicações em relação a denominações de doenças e sintomas.

“Pharmacia da Terra

Tratamentos contra: Acne, Anemia, Menopausa, Tosse, Diarréia – Calo – Feridas”¹³

11 “Geração Saúde Ervas & Plantas”, Ano IV – n. 23, Editora Minuano.

12 “Geração Saúde Especial Camomila”, Ano I – n. 06, Editora Minuano.

13 “Geração Saúde Ervas & Plantas”, Ano III – n. 18, Editora Minuano.

*“Guaraná
O Tesouro da Amazônia
Um poderoso aliado: contra arteriosclerose
Ativa a Circulação
Controla o Estresse Inibidor do Câncer
Viagra Natural
Estimulante Cerebral”¹⁴*

*“18 benefícios da pimenta
além de emagrecer, auxilia no tratamento de pressão alta, câncer e
enxaqueca”¹⁵*

E várias revistas incluem dicas de “receitas” com plantas medicinais para determinadas afecções, propiciando a troca de “receitas” entre familiares e conhecidos, favorecendo a popularização de usos de plantas medicinais ressaltando um sentido de poderem ser utilizadas sem preocupação em relação a efeitos adversos ou interações farmacológicas.

*“Receitas Caseiras
Cheiro de Mato
Previna-se contra Reumatismo, Gota, Náusea, Mau Hálito, Insônia,
gastrite Insônia e muito mais...”¹⁶*

*“PLANTAS MEDICINAIS
Soluções caseiras para tudo!
BOLDO Ameniza cólicas
CAMOMILA Combate o estresse
HORTELÃ Alivia dor de cabeça
MANJERICÃO Ajuda no tratamento de Infecções urinárias
55 RECEITAS Trate: gripe, insônia, mau hálito, ansiedade, má
digestão, acne, TPM, diabete, osteoporose...”¹⁶*

As pessoas se acostumaram a apresentar diversos produtos e medicamentos em casa, como se tivessem uma pequena “farmácia” em casa, e as plantas medicinais por vezes entram também na composição desta “farmácia caseira”. Este aspecto é observado em trechos de determinadas revistas analisadas, estimulando que as pessoas tenham uma “farmácia caseira” com plantas medicinais, colocando como se fosse uma “farmácia natural”. Assim, as plantas medicinais são colocadas como “remédios caseiros”, servindo como um recurso de acesso fácil e imediato para tentar resolver os problemas de saúde em casa (PONTES et al., 2006).

*“O Poder de Cura do Alho e Limão
Remédios caseiros
Chás, xaropes, tinturas e emplastos para gastrite, asma, gripe e
outras doenças”¹⁷*

*“O PODER MEDICINAL DAS ERVAS QUE CURAM
A SUA FARMÁCIA NATURAL EM CASA”¹⁸*

Percebe-se também que há nas revistas analisadas uma mescla de informações sobre outras práticas integrativas e complementares, havendo uma ampliação das informações

14 “Sua Saúde Especial Guaraná”, Ano I – n. 04, Editora Minuano.

15 “Vida Natural e Equilíbrio”, n. 07, Editora Escala.

16 “Geração Saúde Ervas & Plantas”, Ano III – n. 16, Editora Minuano.

17 “O Poder de Cura do Alho e Limão”, Ano I – n. 02, Editora Minuano.

18 “O Poder Medicinal das Ervas que Curam: Ervas Medicinais & Terapias Alternativas Collection”, n. 03, Editora Escala.

sobre plantas para outros efeitos e sobre outras formas de utilização destas, como na homeopatia, florais e aromaterapia, e por vezes uma confusão sobre as diferenças de cada prática.

DISCUSSÃO: MEDICALIZAÇÃO DA MAGIA E MAGIA DA MEDICALIZAÇÃO

A utilização das plantas medicinais é muito comum na medicina popular (SOUZA et al., 2006), seja como uma alternativa a mais para tentar a cura de afecções, juntamente com os tratamentos preconizados pela medicina oficial, ou numa busca de sentidos mais holísticos, e não geralmente como uma substituição total de tipos de tratamentos. Assim, de acordo com SOUZA et al. (2006), as pessoas fazem uso das práticas populares, incluindo plantas medicinais, por diversos motivos: devido a dificuldades financeiras, relatando menor custo das práticas populares, à facilidade do acesso a estas práticas, à insatisfação com os serviços médicos, por insucesso dos mesmos na cura de afecções, à sensação de alívio gerada pelo uso das práticas populares, ou devido a ser um costume da família ou da rede de amigos e conhecidos.

Torna-se necessário problematizar a relação popular/científico para compreendermos o percurso do consumo de plantas medicinais através das diversas culturas e épocas. As plantas medicinais nem sempre foram vistas como produto popular, mas de populações ditas excluídas, porém por outro lado, foram consideradas o meio de tratamento mais utilizado, sendo questionado pela industrialização de produtos químicos e farmacêuticos fortalecida pela medicina oficial em conjunto com o Estado (MARQUES, 1999; FERNANDES, 2004). Assim, as terapias baseadas em plantas medicinais passaram a ser colocadas como ineficazes e, também, erroneamente como inócuas. Contudo, recentemente ocorreram orientações políticas no sentido de incentivar a produção e o consumo apropriados de plantas medicinais (BRASIL, 2006). Desse modo, através da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos do Ministério da Saúde possibilitou-se também uma maior popularização das plantas medicinais, priorizando aspectos relacionados ao acesso e ao uso considerado cientificamente aceito e a promoção de pesquisas direcionadas ao setores relacionados, assim como o uso sustentável da biodiversidade.

Vários municípios brasileiros passaram a propiciar, por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), a possibilidade do uso de plantas medicinais nos serviços de saúde. E vem ocorrendo apoio e fortalecimento de pesquisas sobre as plantas medicinais, levando ao desenvolvimento de novos princípios ativos e novos fármacos. Nesse sentido, como FOUCAULT (1984) observou a união entre Estado e os serviços de saúde pautados no modelo biomédico, o uso de plantas medicinais apresentam através do Estado a elaboração de uma nova estratégia iniciada pela industrialização e fabricação de produtos tendo como base as plantas medicinais, o que podemos chamar de uma medicalização também expressa nesses produtos. Isto nos leva frequentemente a repensar o uso de plantas medicinais não mais como crítica ao modelo biomédico, mas como uma nova especialidade médica, fundindo com o modelo biomédico e a industrialização de seus produtos, como os alopáticos tão consumidos na atualidade. As plantas perdem sua concepção de magia para serem orientadas através da racionalidade médica.

Nessa perspectiva, para Montero (1985), o processo de urbanização ocorrido no Brasil no século XIX fez com que o modelo biomédico utilizado pela medicina ocidental se sobrepusesse às medicinas populares como o uso de plantas medicinais. Sua tradição adquirida no meio rural foi dissipada nas cidades, com apoio do catolicismo, que condenava os saberes populares. Nesse modo, as plantas medicinais passaram por um bom período histórico sob um olhar “desconfiado”, porém recentemente observa-se

através das bancas de revistas sua nova dimensão, já mais adaptada ao processo de industrialização, colaborando para ser reinserida no espaço urbano, na cidade, como ordenadoras de estilos de vida voltados para o consumo, funcionando nas bancas de revistas como paisagens artificiais de uma suposta memória de ambiente outrora considerado natural.

O termo alopático é compreendido através de terapias que vão contra a doença, o que não está distante do uso de plantas medicinais, que também são frequentemente utilizadas pela mesma lógica alopática. Porém, as plantas medicinais são compreendidas como produtos que produzem menos efeitos colaterais do que os medicamentos alopáticos e através da fitoterapia e homeopatia são incluídas num sentido de práticas em saúde com visão holística, não fragmentadoras do ser.

Segundo ARAÚJO (2000), as plantas medicinais se inserem num movimento de recriação cultural, se modificando e se perpetuando por entre as brechas do sistema médico oficial. Assim, não há uma rejeição deste sistema, visto que tanto as práticas populares como as oficiais são utilizadas pela população na busca pela saúde e pela cura de doenças.

De acordo com OLIVEIRA (2008), as interpretações das doenças são historicamente relacionadas a aspectos mágico-religiosos, e a mescla com o sentido racional e físico na interpretação da doença orientada pelas práticas da medicina oficial e hegemônica interfere nos recursos utilizados escolhidos para o tratamento de doenças, ocorrendo a utilização tanto de medicamentos comprados em drogarias ou farmácias como de agentes mágico-religiosos, incluindo-se a utilização de plantas medicinais nessa consonância de sentidos.

Apesar da forte influência da racionalidade moderna e do tecnicismo da medicina padrão sobre os modelos e as percepções do corpo, percebe-se que, no exercício cotidiano do povo brasileiro, outras racionalidades se fazem presentes, originárias de referências culturais diversas, a impregnar o corpo de sentidos diferenciados e a ampliar o leque de possíveis atuações terapêuticas. Além dos elementos técnicos ou das atuações profissionais, as dimensões simbólicas atuam também nas representações e nas ações relativas ao corpo e a seus processos, quaisquer que sejam os ambientes culturais ou os contextos sociais das práticas medicinais. A relação complexa que há entre os diferentes âmbitos da vida humana coloca a esfera racional e técnica como interligada à esfera mítica e simbólica, uma existência conjunta, apesar das tentativas de separação. (OLIVEIRA, 2008, p. 249-250).

O conhecimento sobre as plantas medicinais e suas ações terapêuticas baseia-se muitas vezes em saberes populares e tradicionalmente transmitidos entre gerações e sujeitos. Mas nem todos estes saberes apresentam ainda comprovação científica de seus efeitos farmacológicos por estudos legitimados pela medicina oficial. Assim, a confluência de sentidos racionais e mágico-religiosos na escolha das terapêuticas a serem utilizadas para determinada doença propicia que haja também na divulgação dos efeitos das plantas medicinais uma interligação entre estes sentidos, juntando termos como “milagre” com “cientificamente comprovado”.

A influência da propaganda pela mídia na medicalização do corpo e da sociedade, construindo “mitos de cura”, inclui não apenas a utilização de medicamentos alopáticos,

mas também das plantas medicinais, que crescentemente são comercializadas também em farmácias sob diversas formas (ANNICHINO et al., 1986).

No entanto, SILVEIRA et al. (2008) referem que há uma crença de que no uso das plantas medicinais não ocorrem efeitos indesejáveis, toxicidade e contra-indicações, por considerar o “natural” como inócuo. GUIZARDI e PINHEIRO (2008) observaram ser freqüente as pessoas referirem sua escolha pelas plantas medicinais por serem um “remédio natural” e associarem isso a não gerarem danos à saúde.

Para obtenção das plantas medicinais, as pessoas utilizam de seus quintais, de feiras livres, mercados públicos e de farmácias (ANNICHINO et al., 1986; OLIVEIRA e ARAÚJO, 2007). PONTES et al. (2006) observaram que as plantas são obtidas principalmente no próprio quintal de casa ou na casa de parentes e vizinhos, ou com o raizeiro, em supermercado, no serviço de saúde ou na farmácia. ARAÚJO (2000) comenta que ocorre a troca de “receitas” de utilização de plantas medicinais entre os pacientes, parentes e conhecidos, o que promove uma interlocução e uma modificação constante das práticas de utilização das plantas medicinais. É entre estas “receitas” pode-se inserir a participação das revistas pesquisadas, as quais apresentam dicas de “receitas” para uso de plantas medicinais em determinadas afecções.

As fontes de informação sobre plantas medicinais podem ser os parentes e conhecidos, os meios de comunicação e os profissionais da saúde (OLIVEIRA e ARAÚJO, 2007). Considerando que as pessoas fazem também uso de informações veiculadas pela mídia acerca das plantas medicinais (FRANÇA et al., 2008), as revistas podem ser uma fonte de consulta específica sobre as plantas medicinais utilizada pelas pessoas na busca de informações, além dos jornais e da televisão, que realizam algumas reportagens sobre os efeitos de determinadas plantas ou tem às vezes programas mais específicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se nas revistas analisadas que as plantas medicinais são enfatizadas como produtos “naturais”, praticamente sem efeitos adversos e possibilidades de interações farmacológicas, e como produtos “milagrosos” e “poderosos”, exaltando possíveis efeitos benéficos num direcionamento para a cura de doenças, estimulando o consumo de plantas medicinais e fitoterápicos inserido no processo de medicalização. As plantas medicinais são popularizadas através das revistas, ganhando um novo enfoque centrado no consumo sem uma precisão científica, favorecido pelo “poderes” e “milagres” terapêuticos enfatizados nas revistas.

Os aspectos observados em relação às informações sobre plantas medicinais nas revistas analisadas mostram a necessidade e a importância de se promover a divulgação de informações apropriadas para a população. Além disso, o sentido expressado nessas revistas revelam uma representação sobre as plantas medicinais que é popularizada, e seu conhecimento pelos profissionais envolvidos no processo de utilização de plantas medicinais pode auxiliar no diálogo entre usuários e profissionais para a promoção da saúde, colaborando para melhoria da qualidade de vida.

Assim, o estudo de como as plantas medicinais têm sido apresentadas em revistas de circulação ao público em geral propicia que se reflita sobre a importância das práticas de educação em saúde para a promoção de um uso adequado das plantas medicinais pela

população, em consonância com o estabelecido na Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos.

Salienta-se que as práticas de educação em saúde precisam estar focalizadas para a Promoção da Saúde, numa relação igualitária entre profissionais envolvidos na utilização de plantas medicinais (desde a produção até o acompanhamento terapêutico) e a população, com reconhecimento do valor de cada conhecimento e em comunicação dialógica, reconstruindo conhecimentos coletivamente, promovendo autonomia e participação social no processo de utilização de plantas medicinais (OLIVEIRA, 2005; ALVES, 2005; ALBUQUERQUE e STOTZ, 2004).

Apesar da criação de políticas governamentais relacionadas ao consumo, produção e pesquisa de plantas medicinais e fitoterápicos, ainda não se observa o estabelecimento de orientações adequadas em relação ao uso de plantas medicinais, justificando a necessidade de se propiciar a realização de práticas de educação em saúde. Além disso, o uso de plantas medicinais, antes de ser voltado para uma sociedade consumista, deve privilegiar um processo de educação voltado para questões ambientais e de promoção da saúde.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, P. C. de; STOTZ, E. N.. A educação popular na atenção básica à saúde no município: em busca da integralidade. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, 8(15): 259-274, 2004.
- ALVES, V. S. Um modelo de educação em saúde para o Programa Saúde da Família: pela integralidade da atenção e reorientação do modelo assistencial. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, 9(16): 39-52, 2005.
- ANNICHINO, G. P.; IRNAMURA, C. R. de A.; MAUAD, M. A.; MEDEIROS, L. A.; MORITA, I.; TWATA, E. A. Medicina Caseira em sete localidades da região de Bauru, SP. **Cadernos de Saúde Pública**, 2(2): 150-166, 1986.
- ARAÚJO, M. A. M. de. Bactrins e quebra-pedras. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, 4(7): 103-110, 2000.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edição revista e atualizada. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- FERNANDES, T. M. **Plantas Medicinais: memória da ciência no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FRANÇA, I. S. X. de; SOUZA, J. A. de; BAPTISTA, R. S.; BRITTO, V. R. de S. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 61(2): 201-208, 2008.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.
- GUIZARDI, F. L.; PINHEIRO, R. Novas práticas sociais na constituição do direito à saúde: a experiência de um movimento fitoterápico comunitário. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, 12(24): 109-122, 2008.

MARQUES, V. R. B. **Natureza em Boiões**: Medicinas e boticários no Brasil setecentista. Campinas, SP: Editora da Unicamp/ Centro de Memória-Unicamp, 1999.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MONTERO, Paula. **Da doença a desordem**: a magia na umbanda. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

OLIVEIRA, D. L. de. A 'nova' saúde pública e a promoção da saúde via educação: entre a tradição e a inovação. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, 13(3): 423-31, 2005.

OLIVEIRA, M. F. S. de. **Bebendo na raiz**: um estudo de caso sobre saberes e técnicas medicinais do povo brasileiro. 2008. 282 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília.

OLIVEIRA, C. J. de; ARAUJO, T. L. de. Plantas medicinais: usos e crenças de idosos portadores de hipertensão arterial. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, 09(01): 93-105, 2007.

PONTES, R. M. F. de; MONTEIRO, P. S.; RODRIGUES, M. C. S. O uso da fitoterapia no cuidado de crianças atendidas em um centro de saúde do Distrito Federal. **Comunicação em Ciências da Saúde**, 17(2): 129-139, 2006.

SILVEIRA, P. F. da; BANDEIRA, M. A. M.; ARRAIS, S. D. Farmacovigilância e reações adversas às plantas medicinais e fitoterápicos: uma realidade. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, 18(4): 618-626, 2008.

SOUZA, M. A. de; MELO, M. B. de; SILVEIRA JÚNIOR, R. S.; BARBOSA, M. A.; SIQUEIRA, K. M.; MARTINS, C. A.; SOUZA, M. M. de; BRASIL, V. V. Práticas Populares Adotadas nos Cuidados em Saúde da Criança. **Revista Enfermagem UERJ**, 14(4): 512-517, 2006.